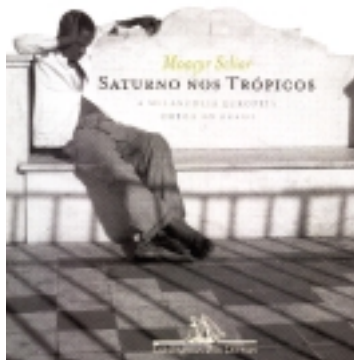


## A SAGA DA MELANCOLIA

Saturno é o planeta da melancolia. Na Idade Moderna era frequente a alusão aos astros, responsáveis pelo destino dos homens, e no Renascimento, Saturno e Mercúrio condicionavam o clima emocional. Daí a escolha do escritor Moacyr Scliar para título de seu livro *Saturno nos Trópicos*, onde busca entender como a melancolia chega até abaixo da linha do Equador, trazida pelos seus melancólicos colonizadores europeus.

Até falar propriamente do Brasil, entretanto, Scliar descreve uma trajetória a partir da Antiguidade, passando pela época das viagens marítimas e dos descobrimentos, até chegar ao cenário brasileiro dos séculos XIX e XX. O texto apóia-se em extensa bibliografia tendo como pilares duas obras consideradas por Scliar como diagnósticos de suas épocas: para o período do Renascimento, *Anatomia da melancolia*, do inglês Robert Burton, publicado em 1621; e, ao falar do Brasil busca referências em Paulo Prado e seu *Retrato do Brasil*, de 1928. Os dois autores identificam uma conjuntura psicológica e filosófica carregada de melancolia. Uma das conclusões de Paulo Prado citada por Scliar é: “Numa terra radiosa vive um povo triste. Legaram-lhe essa melancolia os descobridores que a revelaram ao mundo e a povoaram”.

A melancolia é o motivo condutor, para o autor passear por quase cinco séculos de história, organizando, en-saisticamente, fatos e acontecimentos



Reprodução

que lhe permitem desenhar, com liberdade e imaginação essa cosmologia poética, antropológica, filosófica e histórica da dominação de Saturno sobre traços e características fundamentais à compreensão do *ethos* cultural do homem brasileiro.

**O SONO DOS MELANCÓLICOS** Para Scliar, a melancolia é, antes de tudo, algo que faz parte da natureza, é uma condição existencial. Diferente da tristeza que é passageira; do tédio, que nos dá a sensação de que o tempo não passa; da depressão, termo moderno para uma condição clínica psicológica associada a fatores psicossociais, a melancolia, antiga companheira da humanidade, é tanto uma doença (como a depressão) como um estado de espírito (como a tristeza e o tédio). O sucesso de livros sobre o assunto, no século XVII na Europa e no começo do século XX no Brasil, são sintomas de grande identificação com o tema.

Dormir é algo associado ao estado melancólico: induz à paralisia, à inação, à passividade. O que, aliás, era a atividade preferida de Macunaíma, o anti-herói de Mário de Andrade, que repetia: “Ai! que preguiça!”. Policarpo

Quaresma, na iminência do seu triste fim, denuncia o “desânimo doentio”, a “indiferença nirvanésca” do povo brasileiro, que não dá lugar à revolta, mas apenas ao sono dos melancólicos. Num agradável passeio pela literatura brasileira, Scliar aponta outros heróis melancólicos como o personagem principal do livro *O alienista* de Machado de Assis, o *Jeca Tatu* de Monteiro Lobato e Macabéa de Clarice Lispector, no livro *A hora da estrela*.

**HERÓIS TRISTES** Esses personagens, muito distantes do herói clássico, apresentam defeitos, contradições e uma constante tristeza ou sentimento de inadequação. São melancólicos e, com exceção do Jeca Tatu, não têm final feliz. Assim como a medicina desenvolveu antídotos contra as doenças, o Brasil também desenvolve práticas para combater a melancolia. Manifestações culturais “tipicamente brasileiras” como o futebol, o carnaval e a malandragem seriam respostas à tristeza cotidiana ou ainda uma forma de defesa contra ela. A vida moderna exige ação, trabalho, movimento constante e frenético. Há cada vez menos espaço para a melancolia que herdamos.

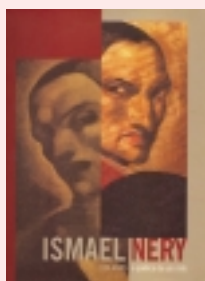
“Saturno é um planeta lento demais para os tempos do Prozac” mas, nessa toada, segue o Brasil, que “apesar da melancolia, da tristeza, da depressão, ou seja lá que nome tenha a coisa, sobrevive...”.

Patrícia Mariuzzo

### Serviço

*Saturno nos trópicos - A melancolia européia chega ao Brasil*  
Moacyr Scliar, Companhia das Letras, 2003.

## ISMAEL NERY: UM ARTISTA MELANCÓLICO



Se na literatura o sentimento melancólico é explicitamente colocado, nas artes plásticas em geral ele assume formas mais subjetivas. O sentimento melancólico traçado no livro de Moacyr Scliar está presente também na obra do pintor, desenhista e poeta Ismael Nery. Paraense, cresceu no Rio de Janeiro e teve uma vida intensa e breve. A crítica de arte Celita Procópio de Carvalho se refere a ele como um artista "imerso em imensa melancolia", cuja poesia está

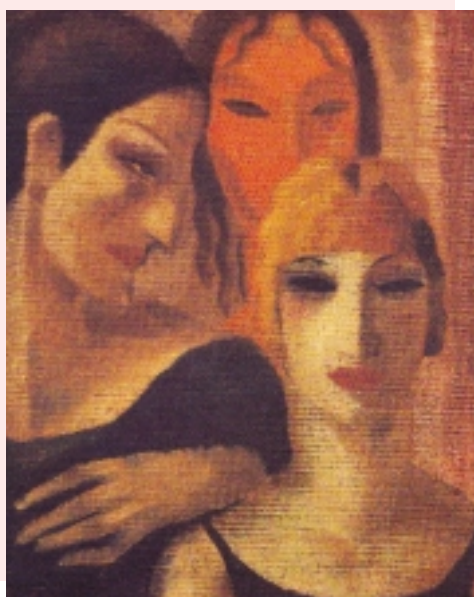
"impregnada por um clima soturno", no livro comemorativo de seu nascimento, *Ismael Nery, 100 anos, a poética de um mito*, editado pela Fundação Álvares Penteado, em 2000.

O artista demonstrou uma inteligência marcante ressaltada pelos poucos amigos com os quais convivia. Entre eles, o escritor e poeta Murilo Mendes, grande divulgador do trabalho, do pensamento e da personalidade de Ismael Nery. Mendes foi quem resgatou sua obra à revelia porque, antes de morrer, Nery lhe pediu que jogasse fora todos os seus quadros e desenhos.

Ismael Nery foi um exemplo brasileiro do intelectual cuja genialidade e talento tem um preço, o peso da melancolia. No final da vida, Ismael foi internado num hospício, quando já sofria da tuberculose que lhe tirou a vida aos 33 anos. Conta Murilo Mendes que ao ser perguntado pelo médico sobre sua rotina, Nery respondeu: "Como bem, mas quase não durmo, fico passando em revista todos os problemas da humanidade".

Ismael Nery considerava a pintura a mais nobre das artes, uma das maneiras do homem compreender a realidade que o cerca. Na contra-corrente do Modernismo que imperava na época em que viveu e trabalhou, rejeitou a pintura de cunho nacionalista partindo para a construção de tipos mais universais. Segundo Murilo Mendes, o pintor dizia que sua arte expressaria inevitavelmente a psique brasileira devido ao fato inevitável dele ser brasileiro.

Rejeitava, portanto, os programas modernistas. Também não fez propaganda de si mesmo, em meio a toda efervescência do Rio de Janeiro da década de 1920. Esteve sempre fora de cartaz e, como todo legítimo melancólico, preferia o isolamento e o convívio com o pequeno, mas fiel, grupo de amigos. A morte foi sempre uma idéia presente para Nery, que a encarava como parte do entendimento da vida: aos 15 anos previu que morreria na idade de 33 e, pouco antes de morrer, declarou que morreria na primeira sexta feira da Páscoa, o que de fato aconteceu.



Fotos: reprodução

## Ciência e Literatura

### OLIVER SACKS É UM ANTROPÓLOGO EM MARTE

O inglês Oliver Sacks é um neurologista com muitos pacientes para estudar e histórias para contar. O olhar de Sacks sobre seus pacientes, nos nove livros que já publicou, torna-os extremamente interessantes revelando mistérios da mente humana. Algumas das obras, pelo potencial em dramaturgia, foram adaptadas para o cinema. O filme mais conhecido é *Tempo de despertar*, baseado no livro de mesmo nome, produção de 1991, tendo Robin Williams e Robert De Niro nos papéis principais. O livro conta a história de um grupo de pacientes com letargia encefálica, que retornam subitamente ao mundo após décadas de "sono". Presenciar o "renascimento" dessas pessoas permitiu a Sacks repartir a experiência daquelas vidas incomuns - que maravilharam e intrigaram o autor - com muitas outras pessoas, via literatura e cinema. Além de um humanizado neurologista, Sacks também se revela um exímio contador de histórias. Em sua obra, a complexidade de seus casos clínicos aparece em narrativas envolven-